



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO CURSO DE LICENCIATURA  
INTERCULTURAL INDÍGENA TUPINIKIM GUARANI**

# **O PAPEL DAS MULHERES INDÍGENAS COMO PROTAGONISTA NAS LUTAS E NA COMUNIDADE INDÍGENA DE CAIEIRAS VELHA**

**Kelly Cristina Rodrigues Cardoso dos Santos  
Alessandra Rodrigues Cardoso Pajehú**

**Aracruz-ES**

**2022**

Agradecemos a compreensão de todos que participaram deste trabalho e pela paciência que tiveram, também a Job Cândido que contribuiu com a lembrança de alguns relatos por ser uma pessoa que conheceu algumas pessoas em memória.

Rio Piraqueaçu

Peguei o barco e o remo e também o samburá  
Junto com as índias guerreiras, fomos no mangue pescar  
Que tristeza eu fiquei, porque no mangue nada encontrei  
Não pude conter minhas lágrimas e ali muito chorei

Lembrei de quando meus pais bem cedinho iam pescar  
Muitos peixes eles traziam para nos alimentar  
Foi nesse rio que cresci e com meus pais sobrevivi  
Me dá tristeza e revolta, por ver o rio morrer assim

Nesse rio eu nasci, na fartura eu cresci na pureza e liberdade  
Que hoje não tem mais aqui  
Os mariscos que pegávamos para nos alimentar  
Oh, meu Deus, cadê os peixes?  
Hoje estão contaminados.

O que Deus fez tão perfeito  
Veio o homem e destruiu  
Acabou com as nossas matas  
E agora o nosso rio.

Vamos mostrar as nossas danças,  
Que somos índios Tupinikim  
Se é pra morrer ou pra viver  
Somos guerreiros até o fim.

Música tema do Grupo de Guerreiras - 17/04/2017  
***Autora: Maria Aparecida Pereira Coutinho dos Santos***

Essa história foi minha avó que contou, foi a mãe da mãe dela que contou pra ela, não lembrava o nome da mãe da avó , pois essa história é muito velha.

**Nós não somos só tupinikim**, somos descendentes de um povo que ficava do outro lado do rio (Comboios) bem longe daqui.

Antigamente todo mundo tinha medo do povo (índio Botocudo) eles falavam que o povo era perigoso então os soldados planejaram invadir o lugar e acabar com tudo. Os tupinikim não sabiam de nada pois eram inimigos dos soldados porque os botocudos antigos tinha a fama de comer gente **e era verdade**, nessa época também duas pessoas de dois povos se casaram, um tupinikim e um botocudo, os tupinikim eram amigos dos caçadores ou soldados por isso ficaram sabendo do ataque.

O casal de tupinikim com botocudo resolveram impedir o massacre e correram pra avisar o povo e assim poderem fugir.

Chegando no meio dos botocudos contaram tudo que ia acontecer, os botocudos se reuniram e resolveram o que iria ser feito então pediram ajuda aos tupinikim que prontamente ajudaram.

Naquela noite colocaram o plano em ação reunindo as crianças da comunidade até as de colo, para os tupinikim levar da aldeia deixando assim os mais velhos na aldeia para que a comunidade não ficasse vazia e os soldados procurassem na mata o povo.

Ficou na aldeia as mães e pais das crianças também os avós, eles ficaram e as crianças de todas as idades seguiram caminho acompanhando os tupinikim no rio e na mata de noite.

Os soldados invadiram a aldeia e foi a maior injustiça, nem precisa dizer o que fizeram com o povo, todo mundo morreu da maneira mais cruel.

As crianças foram morar com os tupinikim e agora são tupinikim também, um povo foi humilhado suas crianças passaram pela dor de ficar sem casa sem família, as mães ficaram chorando mas tinha que ser feito, algumas mães ficaram com o peito cheio de leite e nem sabiam se as crianças iriam conseguir chegar do outro lado porque era muito longe e andaram muito tempo a pé, assim os botocudos se uniram com os tupinikim e ninguém sabe quem é botocudo hoje, mas eu sei que não sou tupinikim. A decisão de tirar as crianças foi das mulheres que falaram com o líder, pois o cacique queria que todos ficassem.

Essa história foi contada por dona Sofia para sua neta Kelly, ela não contou literalmente como está escrito pois foi usado fragmentos de conversas do dia-a-dia. Dona Sofia já é falecida.

## SUMÁRIO

## 1. INTRODUÇÃO

Diante da observação de alguns estudos, entendemos que ao longo do tempo e de acordo com o domínio da história ocidental a mulher foi sendo colocada no papel de subjugamento e inferioridade mediante os homens. Mesmo assim, no Brasil mais recente, algumas mulheres ultrapassaram os limites impostos e se destacaram individualmente. Podemos citar algumas como Chiquinha Gonzaga (1847-1935)<sup>1</sup>, Cecília Meireles (1901-1964)<sup>2</sup>, Carolina de Jesus (1914-1977)<sup>3</sup>. Chiquinha Gonzaga e Cecília Meireles eram mulheres brancas da elite brasileira que tiveram projeção na sociedade, assumindo lugares de destaque ocupados por homens. Carolina de Jesus foi uma mulher simples, uma das primeiras escritoras negras do Brasil contemporâneo. Podemos dizer que as histórias destas mulheres são fundamentais, como mostras de resistência e das possibilidades de transformação da cultura patriarcal à época delas e em nossa época.

No Brasil das últimas décadas, a desigualdade entre homens e mulheres ainda é um padrão, mas o protagonismo feminino vem ganhando grandes proporções, pois as mulheres passaram a ocupar espaços, profissões que exigem sair do lugar a que foram subjugadas durante anos, empoderando-se tanto socialmente como de suas próprias vidas.

As comunidades indígenas, de uma forma geral, sofrem com a grande carga de invisibilização e falta de reconhecimento de direitos em meio ao conjunto da sociedade brasileira. As mulheres indígenas, mais ainda, passam por este processo, quer seja por falta de seus registros na história ou por imposição da figura masculina que algumas ainda têm que se submeter. É como discorre Como Danielly Coletti (2017):

“Dentro dessa escala as mulheres indígenas ficam em posição ainda de maior vulnerabilidade em relação às demais. Ressaltando que, a história

---

<sup>1</sup> Chiquinha Gonzaga nasceu no Rio de Janeiro, musicista talentosa que contribuiu para a gênese da música brasileira. Firmou-se como pianista, compositora, regente e, por fim, líder de classe em defesa dos direitos autorais.

<sup>2</sup> Cecília Meireles nasceu no Rio de Janeiro, foi poetisa, professora, jornalista e pintora brasileira. Sendo a primeira voz feminina de grande expressão na literatura brasileira, com mais de 50 obras publicadas.

<sup>3</sup> Carolina de Jesus nasceu em São Paulo, foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil e é considerada uma das mais importantes escritoras do país. Carolina de Jesus era também compositora e poetisa.

corroborar com a inferiorização, digamos assim, da população indígena desde as classes escolares à vivência prática quando, por exemplo, não fornece a devida importância aos conhecimentos, culturas e hábitos indígenas incluindo as sabedorias acerca do corpo e sexualidade da mulher naturalizados na cultura ocidental, no sentido de que, de modo geral, pouco se reconhece as ações cotidianas cuja matriz veio dos povos indígenas.” (COLETTI, 2017, p24)

O trabalho aqui desenvolvido tem o intento de perceber os motivos da invisibilidade das histórias das mulheres e a necessidade de autoafirmação, colocando em contraste o senso comum e a força do apagamento com as histórias de algumas mulheres, e suas memórias sociais, componentes da comunidade indígena de Caieiras Velha<sup>4</sup>, localizada no município de Aracruz-ES.

Vale mencionar que o território do município de Aracruz é ocupado pelo maior contingente indígena do estado do Espírito Santo, sendo dois povos: Tupinikim e Guarani. A comunidade de Caieiras Velha tem a maior concentração populacional tupinikim da região, estando localizada no distrito de Santa Cruz, acessada pela Rodovia ES-456, a 18,5 km de distância da sede do município. Seu território possui uma área que compreende o mangue e o taboal. Não há registros escritos sobre a data do surgimento (antes do processo de luta e retomada da terra) da aldeia de Caieiras Velha e os nomes das pessoas que foram seus primeiros moradores. O único registro escrito oficial se deu de acordo com o registro da demarcação da TI Caieiras Velhas, em 1983, que deu condições, ainda que precárias, para o retorno mais das famílias a seu território tradicional.

Sobre o nome deste local, está relacionado à atividade de subsistência dos antigos moradores, que era a coleta de mariscos e crustáceos e a produção do cal derivado da queima das cascas e conchas que restavam destes animais. A partir do momento que essas pequenas produtoras de cal foram abandonadas, o lugar foi denominado por todos de local das “caieiras velhas”.

---

<sup>4</sup> Podemos encontrar em outros trabalhos as grafias Caieiras Velhas, Caeiras Velhas, Caieira Velha ou Caeira Velha referentes ao nome da aldeia/comunidade tupinikim em questão, mas aqui utilizaremos “Caieiras Velha”, pois este é o nome mais usual até hoje entre os seus membros e a na maioria dos registros.

As mulheres de Caieiras Velha sempre tiveram um papel fundamental na economia e vida social da comunidade, cabendo a elas, em muitas vezes, a responsabilidade do sustento familiar, controle do ambiente doméstico, criação e educação dos filhos e cuidados com os maridos. Além de todo papel desenvolvido pelas mulheres indígenas no seu contexto cotidiano, elas regularmente estão inseridas no processo de lutas e manifestações comuns a seu povo. Elas contribuem intensamente para o fortalecimento cultural de seu povo, porém, poucas conseguem alcançar o papel de caciques nas comunidades, apenas de lideranças, indicando, assim, a desigualdade entre gêneros. Caieiras Velha não teve até o momento cacique mulher.

Ao se auto-atribuírem a condição de donos do saber, os homens utilizam a história escrita para reforçar ainda mais as desigualdades, simplesmente não mencionando as mulheres nos grandes feitos ou na base da vida social ou representando-as sempre no papel da subordinação. O que se pretende neste trabalho é mostrar a relevância das mulheres, apesar de sua ausência nas páginas da história até então.

Dentro dos objetivos específicos, pretendemos resgatar a importância da mulher nas sociedades indígenas e no contexto histórico da comunidade de Caieiras Velha. Sempre soubemos da existência desse protagonismo feminino em Caieiras Velha, seja nas lutas de demarcações das terras indígenas, em que se destacaram em várias etapas ou setores, como trabalhos em cozinhas e na limpeza, mas também nas picadas<sup>5</sup> e no âmbito político interno de reuniões e tomadas de decisões marcantes.

---

<sup>5</sup> Atalho aberto com recurso a um instrumento de corte.



## 2. BREVE HISTÓRIA DAS MULHERES NO BRASIL

De acordo com a Bíblia Cristã propagada pelos colonizadores e invasores, as mulheres sempre foram vistas como um ser destinado à procriação, e a permanecer em casa, cuidando do lar e dos seus familiares, sem visibilidade e que não era vista como voz de posicionamento e ajuda nas decisões junto ao cônjuge. A mulher tinha um papel herdado pela cultura dos antepassados, sendo a responsável pela edificação do lar, tendo cuidados na casa, sendo mãe e esposa .

Segundo a Bíblia em Provérbios capítulo 14 versículo 1:

“[...] a mulher sábia edifica a sua casa, mas a tola a destrói com as próprias mãos (Bíblia Sagrada, Velho Testamento).”NT, **Bíblia Sagrada** p.871 ”

Os papéis destinados aos homens e mulheres sempre foram bem distintos, e isso que diferenciava completamente seus significados perante a sociedade, pois aos homens, o provedor do lar, as mulheres, as responsáveis por um bom funcionamento do ambiente doméstico, como a boa criação dos filhos, o bem estar na casa e sempre ser obediente tudo isso com aprovação da igreja cristã.

Isabela Amaral em seu artigo diz:

“Já o domínio da Igreja se exercia principalmente pelo controle da sexualidade feminina e na propagação do modelo eclesiástico do casamento. Por ser considerada propensa ao pecado, a mulher sempre deveria obediência a alguém do sexo masculino: inicialmente à figura paterna, posteriormente à do esposo.” (AMARAL, 2011, p.1).

Ou seja, uma das formas mais comuns em que a história europeia retrata as mulheres está no lugar da servidão, uma vez que eram educadas para servir aos homens, ao passo que eles estão para serem servidos, detentores de todos os espaços de poder. Da modernidade em diante, quando ainda na casa dos pais, as mulheres européias foram dominadas pelo pai ou pelo irmão mais velho e, ao casarem ou sendo forçadas ao casamento, esse domínio passava ao marido, que exercia sua autoridade sobre esposa, tratada como um objeto.

Como Amaral afirma, a mulher era imposta a uma vida de aparências e de condições de segregação marcada por toda a sociedade desigual e machista, colocada em segundo plano e sendo obrigada a não expressar opiniões acerca de sua vida e não eram donas de seus corpos.

A partir da colonização europeia, a realidade de opressão às mulheres se aplacou fortemente sobre as mulheres indígenas. Os povos indígenas invadidos e escravizados foram obrigados a confessar a fé cristã e, por força de todo o modelo patriarcal, os homens indígenas foram instados a posições de liderança muito maiores do que possuíam antes do contato, principalmente, para a relação com as estruturas europeias de poder político econômico que se montavam. Portanto, desde os primórdios da colonização, são raros os relatos sobre a vida das mulheres não-indígenas no contexto histórico, o qual na verdade, ainda está pouco constituído.

Além disso, para os colonizadores as mulheres indígenas transitavam entre uma condição de inocência e pecado carnal embora também achassem essa mulher perigosa por não ter vergonha de seu corpo. A nudez feminina indígena então se diferencia do pudor judaico-cristão europeu ao promover uma “agressão a moral”, como segue a tradição colonizadora. Acreditava-se que viviam em uma era do ouro, um paraíso contínuo no qual o pecado original do nu não predominava no paraíso abaixo do trópico.

Portanto, na história colonial são mais do que raros os relatos sobre mulheres indígenas, que fosse sobre sua humanidade, quanto mais considerando sua projeção social e individualidade. Segundo Todorov, em seu livro:

Ser índio, e ainda por cima mulher, significa ser posto, automaticamente, no mesmo nível que o gado” (TODOROV, 2010, p. 67)

No período imperial no Brasil ainda podemos ver os julgamentos contra as mulheres, vistas unicamente como seres inferiores sem inteligência, frágeis em saúde e culpadas por terem nascido do sexo feminino.

A Constituição surgiu no país com a República com a finalidade de colocar ordem na casa, colocando a cultura europeia sempre como modelo de moral e ética para nossa sociedade. Neste modelo a mulher deveria ser casada, recatada e cumprir com suas tarefas de acordo com a igreja de santidade e seus direitos seriam garantidos.

Afirma Santos, em seu artigo:

Na história brasileira, este período é caracterizado por um projeto político que pretendia transformar o país em uma nação civilizada, culta e moderna. Os esforços da elite burguesa concentravam-se, sobretudo, em tentativas de eliminação de qualquer resquício de um passado de “atraso”. Assim, a incorporação do “moderno” representado pela importação dos costumes europeus figurava como passaporte para a ordem e o progresso da jovem república brasileira (SANTOS, 2008, p.1).

A Constituição Imperial de 23 de Março de 1824 declara, que a Lei seria igual para todos, e em todas suas formas de tratamento, sendo em seus méritos, suas recompensas ou castigos, mas não é bem isso que se dava, visto que as mulheres eram dispensados os tratamentos do Brasil Colônia, ou seja, a atuação feminina era legadas aos cuidados da família e atribuições domésticas, sendo a estas até mesmo castigadas por seus esposos de forma para corrigi-la.

Embora a Constituição imperial de 1824 declarasse, em seu art. 179, inciso XIII, que a Lei seria igual para todos, tanto em suas recompensas, quanto em seus castigos, não é bem isso que se dava, pelo menos no campo do Direito Civil. Normalmente quando os termos “mulher”, “esposa”, “filha”, “viúva” e outros afins aparecem nas leis, é para restringir o direito da mulher em relação ao homem, proibi-la de alguma conduta, reputá-la inferior ou subjugá-la ao poder de outrem. (AMARAL, 2011, p. 3)

Como a autora acima citou, que todos os seres humanos têm o direito de serem igualmente respeitados mediante a uma lei escrita com regra geral e que seriam aplicadas de maneira uniforme a todos que vivem em uma sociedade organizada, entretanto o que se percebia era a tendência de excluir as mulheres dos direitos sociais e políticos.

A República foi marcada por ser um período de modernidade e que caracterizava uma sociedade culta e marcada por revoluções que davam um ar de civilidade à

nação, tendo nestas participação importantes mulheres. Fonseca-Silva destaca em seu artigo:

No século XIX, acontecimentos políticos como a chegada da família real ao Brasil, a proclamação da independência, revoltas, movimentos sociais e políticos de reivindicação, a abolição da escravidão e a proclamação da República – foram marcados pela participação de mulheres. (Fonseca-Silva, 2012, p. 5)

De acordo com a autora, esse período se destacou por grandes mudanças na sociedade brasileira, mas ainda havia resquícios da sociedade imperial, molde de uma representação simbólica da mulher frágil, esposa, mãe, dona-de-casa dedicada, mas ainda condicionando sua sexualidade à maternidade. Sobre isso, fala Santos em seu artigo:

“[...] a ‘nobre missão feminina’ associada ao discurso nacionalista é investida de uma roupagem moderna. Mais do que dar filhos ao marido, o ideal da maternidade é reformulado para garantir cidadãos para a pátria.” (SANTOS, 2008, p.7)

A autora destaca que mesmo com as grandes conquistas e mudanças recorrentes na sociedade, e no novo panorama que estava se destacando, as mulheres ainda eram vistas com a missão de serem reprodutoras e toda sua relevância em prol do crescimento dos filhos e bem estar do marido.

É inegável que aconteceram progressos consideráveis em relação aos direitos das mulheres e à igualdade de gênero e raça no país. Mesmo as mulheres sendo vistas como incapazes ou não qualificadas, de acordo com a visão patriarcal, o lugar cativo da mulher é dentro do contexto doméstico de seu lar, sendo o homem o provedor da casa. Foi a partir deste período que começaram a reivindicar com mais ênfase por seus direitos à cidadania, buscando a inserção no mercado de trabalho, o desejo e a determinação na inserção na sociedade foi e é o objetivo do grupo feminino, sabe se que não é somente tarefa do macho o ato de prover para a família.

Avanços que, sem dúvida, podem ser creditados aos movimentos organizados e bem articulados de mulheres em todo o mundo. Graças à sua persistência e

crescente articulação, construíram uma nova visão dentro da sociedade ainda em muitos momentos dominada por homens.

Quanto aos indígenas não há relatos relevantes ou que façam jus às lutas e conquistas desses povos, e contudo as mulheres indígenas que sempre foram marginalizadas foram apagadas desse período histórico sendo a mulher indígena colocada como um perigo, assim afirma Jéssica Czechowskiem, em resumo:

“Os registros produzidos pelos sacerdotes era uma forma de legitimar a conquista da América, denotando os nativos e, sobretudo a índia, como ser inferior e perigoso.” (Czechowskiem p.1 2018)

Neste período, as mulheres indígenas aparecem representadas em histórias românticas e míticas (o que ficará marcado nas representações do século XX em diante, na literatura, em radionovelas, telenovelas entre outras), que são quase sempre determinadas por sua beleza, pelo exótico, virtude, heroísmo ou por suas intervenções tenebrosas, nocivas, suas vidas escandalosas e que andam a margem da civilidade determinada pelos homens. Para os brasileiros de matriz europeia somente o fato de ser mulher já era um determinador de inferioridade natural, mas ser mulher e indígena era um fator ainda pior sendo que a desqualificação desse ser era por si só algo degradante e deplorável.

É neste contexto também que a mulher branca europeia, mesmo que na posição de subalternidade e em meio a uma sociedade já com grande miscigenação, passou a ser tratada como ideal feminino. Enquanto isso, as mulheres indígenas continuaram sendo vistas apenas como um ser que ia totalmente ao inverso do padrão das europeias, pois geravam um pensamento superficial destas e de toda sua contribuição no lidar com questões que iam além de atribuições domésticas.

A evolução feminina no mundo e na sociedade mostra uma grande injustiça de direitos que tiveram desde o surgimento da sociedade organizada, e devido a isso, buscam através de lutas sair da obscuridade, marginalização de suas necessidades e do anonimato imposto por determinações criadas para o homem. Cabe ressaltar que diante dos fatos há uma injustiça e uma deficiência no processo de proteção à mulher. Existe, é claro, a Lei Federal nº 11.340/06 que é uma lei que assegura

mecanismos como forma de proteção e direitos à mulher, que não obstante é falha. Pois é evidente e comprovado que tem crescido drasticamente o número de mulheres que têm sofrido abusos e violências.

A estrutura familiar passou por grandes modificações desde seu surgimento até os dias atuais, durante muito tempo à mulher era imposta a uma situação de inferioridade ao homem, sendo isso reflexo das civilizações antigas, que formaram e conceberam ideias de que o homem era a fonte única de direitos, provedores e merecedores de todo respeito, isso de acordo com o padrão moral de família europeia.

A mulher começou a ter acesso à educação escolar, isso a partir do século XX, pois anteriormente eram educadas para serem do lar como já citado, inicialmente aquém em relação aos homens e na década de 1960 seu trabalho ainda não era qualificado dentro dos setores industriais, as mulheres no início e meados do século XX eram em maioria analfabetas.

Nas últimas décadas , a mulher brasileira avançou muito rumo à equidade de raça e gênero. Contam com a Constituição Federal de 1988, onde prevê a igualdade entre os gêneros, a proibição da discriminação por sexo e a ampliação dos direitos civis e sociais e economicos as mulheres.

Podemos ler:

“A Constituição Federal de 1988 dispõe em seu artigo 5º, *caput*, sobre o princípio constitucional da igualdade, perante a lei, nos seguintes termos:

Art. 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;” (Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, p.8)

De acordo com a Constituição de Leis, essa formalização favorece e reconhece a luta histórica das mulheres por condições de vida que representa a conquista por cidadania mediante a uma desigualdade de gênero ainda muito latente na

sociedade brasileira, que constitui uma das principais marcas do país.

A Lei de fato, que é uma conquista atual, protege as mulheres, mediante a preconceitos sofridos na inserção profissional em carreiras que são julgadas como sendo destinada apenas para os homens, mas pode-se dizer que o desenvolvimento da sociedade só vai se tornar completo, quando as mulheres deixarem de sofrer com abusos verbais e psicológicos nos espaços recém conquistados.

Mesmo havendo um grande número de mulheres em ambientes como empresas, que outrora era ocupado por homens, ainda podemos perceber um preconceito a essa inserção, forçando as mulheres, em muitos momentos se submeterem a tratamentos desiguais no que se diz respeito a presença de diferenças salariais .

A Lei Maria da Penha 11.340/2006, sancionada em 7 de agosto é a lei mais conhecida no meio feminino e mais utilizada, ainda que muitos não sabem de como surgiu a Lei , tal Lei visa a proteção da mulher contra a violência doméstica isto é a violência praticada por pessoas de convívio da mulher pessoas próximas e em maioria essas pessoas são parentes e familiares.

Esta Lei foi uma luta de 29 anos de Maria da Penha Maia, biofarmacêutica, que queria ver seu agressor condenado, tornando-se assim, um símbolo contra a violência doméstica.

A Lei afirma em seu artigo 2º que:

“Art. 1º Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

Art. 2º Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.” (Lei nº 11.340/2006 Maria da Penha, p.18)

A Lei nº 11.340/2006, Maria da Penha foi um marco para os direitos das mulheres brasileiras, possuindo uma ampla concepção de direitos femininos a partir da perspectiva dos gêneros, na luta contra a violência, sendo hoje um principal instrumento jurídico de proteção das mulheres essa lei não é feminista ou machista mas, ela busca ser justa.

A Lei visa a proteção da mulher contra a violência doméstica e direito a cidadania:

“Art. 3º Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.” (Lei nº 11.340/2006 Maria da Penha, p.18)

Como a autora afirma, a lei vem em favor da mulher que por anos sofreu com a violência, descaso e principalmente a falta de visibilidade mediante ao poder social. Sendo assim, a mulher passa a possuir proteção de forma igualitária estabelecida por Lei, com a premissa de resgatar a cidadania feminina de forma democrática a lei sempre enfatiza direito de justiça ao ser, mas as mulheres indígenas ainda são vistas como no início da colonização, ser desnudo de cultura diferenciada que ainda sofre por causa de seus costumes que na verdade a sociedade não sabe o papel da mulher indígena na sociedade, a lei tende a defender aqueles que ela reconhece como cidadão, a mulher indígena está ainda na luta pelo reconhecimento nacional como pertencente do Brasil sabendo que o colonizador encontrou os povos indígenas em Pindorama quando chegou.

Foi publicado no jornal *Elas por Elas* uma colocação pertinente:

“Não é que as indígenas sejam contra a lei, mas elas precisam se reconhecer na legislação. E isso ainda não acontece, porque não existe uma ‘mulher universal’. Por isso, a política de enfrentamento à violência contra mulheres indígenas necessita de políticas públicas específicas, que dialoguem com a realidade delas“ ( *Elas por Elas* <https://pt.org.br/>)

Não podemos dizer que há comparação de direitos igualitário para toda sociedade e principalmente da mulher, pois os direitos humanos não alcançam por completo os direitos de todos e podemos afirmar com segurança que há um abandono nos direitos indígena e sobretudo das mulheres indígenas, resultando uma injustiça, sendo estas chefes de lares, lideranças de suas famílias e/ou comunidades, mas



sem uma representatividade legal.

Enfim, de acordo com o desenvolvimento da História, como disciplina acadêmica ou como lugar de memória social, vimos que não há tratamento digno para a história das mulheres, como entes ativos e relevantes. Mais ainda, mesmo que na literatura crítica mais recente, em que as mulheres ganham maior destaque, não há quase nenhum espaço para as mulheres não-europeias. Há um apagão histórico quando falamos de mulher indígena e sua história se mistura à da mulher africana, sendo retratadas sempre à margem do que podemos dizer civilizado, Gilsa H. Barcelos também relata isso em seu trabalho *Mulheres e Eucalipto* página 18, 2018 .

### 3. MULHERES INDÍGENAS, DO BRASIL A CAEIRAS VELHA

Antes de iniciar esta abordagem, lembraremos da visão do europeu em relação a mulher indígena, como um ser inferior, bugre, grosseiro que precisava ser domesticado e que deveria ser convertidas ao cristianismo e com necessidade de seguir a cultura europeia essa mulher lhes causava medo pela sua imponência e sua falta de vergonha da nudez, ela andava tão soberana e natural na terra , isso causou no colonizador um sentimento de impotência, pois não sabiam como colocar rédeas nessa pessoa de sexualidade livre .

Grazielle Cristina Rodrigues coloca em seu trabalho:

Já o domínio da Igreja se exercia principalmente pelo controle da sexualidade feminina e na propagação do modelo eclesiástico do casamento. Por ser considerada propensa ao pecado, a mulher sempre deveria obediência a alguém do sexo masculino: inicialmente à figura paterna, posteriormente à do esposo (RODRIGUES, 2011, p.1).

A história europeia não mostra mulheres indígenas que foram negociadas, roubadas de suas famílias para servir aos colonizadores, forçadas a ser esposas, cozinheiras, arrumadeiras, agricultoras, artesãs, prostitutas entre outras funções, desprezavam toda a sua história e conhecimentos milenares.

De acordo com Renata Tupinambá:

“[...] as mulheres indígenas "pega no laço" retrata e marca profundamente a história das mulheres indígenas. Seja na ficção ou na realidade, tamanha violência ecoa de geração em geração entre os povos indígenas...” (TUPINAMBÁ, 2022)

Essas mulheres foram violadas e agredidas em seu território, foram tidas como troféus sendo “pegas a laço” fazendo disso um ato de heroísmo para a sociedade. Até hoje se fala nas mulheres “pegas a laço”, (que significa mulheres sequestradas de suas famílias e comunidades onde nasceram e foram criadas para viver com o colonizador servindo tanto na cama quanto de serviçal parindo filhos mestiço muitas vezes largados pelos pais), A inferiorização sofrida pelas mulheres indígenas em relação às não índias, faz parte da construção social, ainda, presente na sociedade

pós-moderna. E ao analisar o nosso contexto de sociedade vemos que elas ainda são vistas como aborígenes.

De acordo com Suzeli diz que:

“A violência de gênero atinge mulheres de todas as classes, etnias/raças, idades e orientações sexuais. No entanto, é preciso reconhecer que esse fato se processa de forma diferente em mulheres em condições historicamente subalternas, isto é, negras, indígenas, pobres, lésbicas, por se encontrarem em situação de maior vulnerabilidade por sua dupla condição de ‘Outro’, isto é, por estar fora das normas universalizantes e hegemônicas.” (SANTANA, p.40. 2019)

As relações entre as etnias se agravam mais em relação ao contexto de poderes que cada classe social ocupa mais especificamente, discutir a condição das mulheres indígenas, por serem vítimas recorrentes de violência nos espaços públicos e privados.

A chegada do colonizador com sua moralidade europeia acabou com a liberdade da mulher indígena, sua liderança e também suas terras, deixando a mulher indígena como um ser devasso de natureza e sem pudor mundialmente, infelizmente esse ficou sendo o estigma da mulher do Brasil, sendo sexualmente disponíveis assim também explica a um trecho escrito de Gilberto Freyre:

“O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho.” (FREYRE, 2006 [1933]. p.161)

Os direitos da mulher teve um longo percurso de luta e se encontra em desenvolvimento, a indígena entrou em contato direto com a falsa moralidade do europeu que valoriza o sexo masculino, colocou o Brasil como o paraíso abaixo do trópico onde abusar, sequestrar, subjugar e matar virou “cultura” pois visualizavam as indígenas como mulheres disponíveis para o sexo, Alfredo Ellis Jr. em Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-americano colocou em seu texto :

“Imagine-se o lusitano, ardoroso, descendente do arabo-berber muçulmânico, imigrado solteiro, livre de escrúpulos e de preconceitos, longe do mulherio branco, em meio rude, agreste e licencioso, como deveria ter ele abusado do fêmeaço indígena, no planalto paulista!” (ELLIS JR., 1976 [1934]:15)

As mulheres indígenas de Caieiras Velhas igual a todas do território nacional são fruto desse processo histórico, são mulheres fortes, líderes dentro de sua aldeia. sabem que sempre tem que enfrentar lutas para garantir seu território e proteger sua cultura, seu protagonismo junto a comunidade é sempre valorizado, mesmo sabendo que a comunidade de caieiras velhas também sofreu muita influência do colonialismo europeu, observando que as comunidades não indígena tendem a colocar essas mulheres sempre à margem, pois o processo histórico fez com que na comunidade de Caieiras Velha suas características nem sempre são a de índios tidos como “padrão”, pois são mulheres cacheadas, lisas, morenas, claras e negras, todas muito guerreiras valentes.

Mas a sociedade não indígena buscou colocar histórias místicas para que a força dessa mulher ficasse abalada misturando crenças com imaginário popular muito chamado de lendas caboclas.

Com isso as comunidades não-indígenas criaram histórias que colocam a mulher em um lugar mítico em relação à sociedade geral, com isso sentiam-se livres para fazer da mulher indígena um objeto.

Foram criadas muitas histórias para justificar o que era essa mulher e porque deveriam ser caçadas, a igreja esteve vinculada nas ideias de colocar a fé e salvar as indígenas para que fossem colocadas em lares justos e morais com homens cristãos que preparavam sua família para chegar no céu. O empoderamento feminino fica vinculado a histórias que deixam a mulher indígena como fadas da floresta ou mesmo bruxas que podem trazer a inocência e a delicadeza frágil e até mesmo quando nessas histórias as mulheres mostram seu poder de escolha são colocadas como exemplo de pecado sendo a mulher vinculada ao sobrenatural, com isso até a religiosidade fica sendo suspeita, pois são pessoas intimamente ligadas a natureza e conhecedoras da força suprema ancestral e cosmológica da saúde e vida na floresta, a mulher indígena foi motivo de inspiração de histórias fantásticas

com castigos e metamorfoses em Caieiras Velha essas histórias também são conhecidas.

### **3.1. As mulheres indígenas como seres fantásticos**

Existem muitos contos populares que retratam as mulheres indígenas e em muitos deles coloca-se o ser feminino em um lugar de donzela indefesa e outras de ser maligno do mal (bruxas) que deixa ela a margem do que é bom, seres místicos e selvagem amaldiçoado, nesta parte será citada algumas histórias que mostra a mulher como donzela mítica ou ser maldoso.

Uma história comum na aldeia tupinikim de Caieiras Velhas é sobre uma mulher que, reza a lenda, virava pata. Isso começou na década de 70. Essa mulher teria sido castigada virando pata (sim, o bicho mesmo) e isso acontecia em noites de lua cheia quando saia voando de noite. Pessoas juram que era um pato enorme, descomunal e assustava as pessoas com o barulho de suas asas.

Esta história vamos colocar na íntegra, pois está em um livro produzido por estudantes do magistério indígena de no livro , Mugaribi, Edivanda( org): Os tupinikim e Guarani Contam..., 1999 p.74 Depois, dispostemos de mais duas histórias bastante populares entre o povo tupinikim, que mostram um pouco de como as mulheres são representadas.

- **A mulher que virava pata**

Há muito tempo atrás, na aldeia tupinikim de Caieiras Velha, morava uma família que tinha um casal de filhos, Josefina e Basílio. O moço tinha um ciúme doentio de sua irmã, a ponto de privá-la de qualquer contato com rapazes.

Um dia essa moça casou-se com um rapaz da redondeza. Isso deixou seu irmão desesperado. Ele nutria por ela um estranho amor e não suportava a dor de vê-la casada com outro homem.

Não podendo superar aquele sentimento que não cessava de crescer, num determinado dia, Basílio declarou seu amor a Josefina Antônia. No fundo de si mesma, ela sempre soube que seu destino estava irremediavelmente ligado ao do irmão. Ela também o amava!

Obcecados por esse amor proibido os dois decidiram ficar juntos a despeito de todas as diversidades então Basílio mata seu cunhado, esse assassinato desestabilizou a comunidade e deixou os pais dos dois jovens aterrorizados.

Pobre desse casal, mal sabiam que estavam condenados a sofrer por muitos anos, ou até o fim de suas vidas.

Depois de algum tempo transcorrido o crime, a vida de Basílio se transformou transformou em um longo e interminável tormento. A altas horas das noites ouviu-se seus gritos. Muitos afirmavam ter visto um vulto carregando um ser nas costas. Há quem diga que se tratava de Basílio carregando o cunhado de cabeça para baixo com o homem mordendo o seu calcanhar. Será por isso que Basílio emitia gritos tão horrendos?

Josefina engravidou e deu à luz uma criança muda que todo mundo chamava de Bibi por causa do som que ele fazia com a boca. Diziam os mais velhos que os filhos de irmãos nascem amaldiçoados!

Sobre Josefina, outra maldição caiu, da qual ela não pode se libertar. Em noite de lua cheia, na época de quaresma, meia noite, ela virava pata. um animal de tamanho descomunal, com um grande esporão na asa que fazia um barulho ensurdecedor. Esse animal sobrevoava a aldeia com grande velocidade à procura de alimento.

Era nessas noites que a pata aterrorizava a comunidade. Diziam que ela entrava nas casas para roubar alimentos e qualquer tipo de bebida. Onde ela entrasse, devastava tudo, não sobrava nenhum alimento. Como forma de precaução as pessoas colocavam pequenos instrumentos afiados nas suas portas, tais como facas, canivete, punhal. Com isso a pata ficava intimidada e não entrava.

Essa maldição só teve fim quando Basílio descobriu que Josefina se transformava nesse animal. Face a esta descoberta, Basílio ficou muito entristecido já não era o mesmo em relação a ela. os dias se passaram. Numa manhã, nervoso e apreensivo, Basílio disse a um amigo que encontrara na saída de casa que ia visitar um amigo. Por volta do meio-dia o vizinho foi até a casa do casal e encontrou Josefina caída, morta misteriosamente. Em seu pescoço havia marcas.

A causa de sua morte nunca foi descoberta.

Após alguns anos, ela apareceu em sonho para uma pessoa da comunidade dizendo que fora enforcada com um pano por seu marido. Nada foi feito contra Basílio, pois já estava muito velho, mas alguns meses depois ele foi encontrado morto. Seu filho ainda é vivo, e anda vagando pelo mundo.

- **A Mula sem cabeça**



No Brasil todos conhecem a história da mulher que virou mula, isso aconteceu quando está infeliz se envolveu com um homem que era padre.

Reza a lenda que ela passou a noite com o padre se apaixonando por ela , mas como padre não se casa por ser um homem de Deus, por isso ela foi punida por querer desviar o homem de seu divino caminho.

A Mula sem cabeça corre sete léguas a cada noite e galopa, assombrando quem encontra. Lança chispas de fogo pelo buraco de sua cabeça. Suas patas são como

calçadas com ferro afiadas. A violência do galope e a estridência do relincho são ouvidas ao longe. Às vezes, como uma criatura humana.

O encanto desaparecerá quando alguém tiver a coragem de arrancar-lhe da cabeça o freio de ferro ou se alguém tirar uma gota de sangue com uma madeira, fala se também em alfinete virgem. Quando o freio lhe for retirado, reaparecerá despida, chorando arrependida, e não retornará a forma encantada .

A igreja católica, sempre teve influência aqui no Brasil desde que veio nos navios Portugueses. A história da mula sem cabeça, relata este momento em que a igreja católica coloca suas regras no modo de vida do povo, e mais uma vez subjuga a mulher como um ser atípico da sociedade, coloca a mulher como a pecadora sem fim. Ela é que leva mal para aqueles que são puros e bons de coração. Ela é que transtorna, desequilibra e que vira o mundo de pernas para o ar. Como a história sempre relatou, sempre é punida com severidade, maneira ridícula e vergonhosa para mostrar para o povo que a ordem tem que prevalecer. É sempre essa ordem machista que coloca a mulher como o ser de cobiça e luxúria.

- **A lenda de lara**



A lenda da lara ou mãe d'água foi criada pelo povo tupi-guarani. Eles contam a história de uma poderosa índia que, antes de virar sereia, vivia em uma tribo junto com a sua família, esbanjando beleza por onde passava. lara era tão bela que



causava inveja em muitas pessoas, inclusive, em seus irmãos que, inconformados com isso, queriam matar a índia e desaparecer com o corpo.

Em uma noite qualquer, eles chamaram a irmã para executar o plano, mas chegando no local foram surpreendidos com a força da índia guerreira, que conseguiu escapar da armadilha e reverteu a situação praticando o crime contra eles.

Com medo de que seu pai, o pajé (chefe religioso da tribo) da tribo, descobrisse e aplicasse um castigo, ela fugiu, mas foi descoberta. Assim, seu pai a lançou no rio como forma de punição por ter matado os seus irmãos.

A lenda da lara diz que índia foi salva pelos peixes e como era noite de lua cheia, ela foi transformada em sereia. Atualmente, a lenda da lara é representada por uma bela sereia que atrai homens com o seu irresistível canto para o fundo dos rios, local de onde eles não voltam nunca mais.

Reza a lenda que os homens que conseguem retornar à superfície ficam em completo estado de loucura, no qual somente um pajé é capaz de desfazer o feitiço.

Antes de atrair os homens para a “emboscada”, a sereia lara passa a maior parte do seu tempo sentada sobre as pedras, admirando a própria beleza refletida nas águas, além de pentear seus cabelos e brincar com os peixes.

Essa lenda segundo estudos não tem origem indígena. A lenda da lara também tem ligação com outras religiões, como é o caso do candomblé. Na religião, a sereia lara com nome indígena é atribuída ao orixá de origem africana Iemanjá.

Com isso já sabemos que essa visão de justiça sofreu influências de outros povos, não é necessário registrar novamente que essas histórias serviram para dar moral a vida feminina, servindo para amedrontar as mulheres.

Nesta história vemos o valor destinado à mulher e o homem ela que foi agredida pelos irmãos e teve que sair de casa e se afogou, os homens a cobiçaram e os mesmos julgaram seu destino mas mesmo assim continuou sendo símbolo sexual de ternura e desejo, virando sereia ela mostra sua independência.

Mas virou uma mulher perigosa e perversa, embora muito sedutora e bela fadada a viver sozinha. Se ela não fosse tão bela isso não teria acontecido, esse é o preço da beleza.

Para muitos as mulheres são seres inexplicáveis e complexos e essas histórias mostram que a mulher sempre sofreu por isso sendo colocada como ser mítico sua religiosidade sempre foi colocada em xeque por ordens sociais de muitos séculos e ainda hoje podemos observar que elas são vistas como seres que percebem a realidade de outra forma o chamado 6ª sentido e isso por muitas vezes causou medo por parte daqueles que não compreendem o universo feminino, não pensam nem analisam a força e a coragem dessas mulheres que enfrentam todo um costume e sociedade para fazer valer suas ideias e pensamentos.

A mulher indígena colocada como bruxa pelo colonizador e ainda hoje esse histórico tem lugar de destaque no imaginário popular. Sabendo que todos temos esse elo com o sexto sentido, mas alguns exercitam mais que outros, deixou a fala da mulher como uma oratória suspeita aos olhos da sociedade envolvente, as mulheres não indígena sofreram discriminação por serem seres livres além de seu tempo, ainda essa mulher for indígena que os fatos ficam em total suspeita pois esses seres livres andam nus mas tem família e são fortes em cultura singular delas .

Observamos que essas mulheres têm um lugar nos mitos regionais por causa das crenças e do modo de vida dos povos indígenas, sua liberdade causou e causa medo.

Em Caieiras Velha essa visão da mulher mítica ainda hoje é muito forte mesmo discursando sobre os acontecimentos de mais de cem anos, no imaginário da aldeia vemos que a mulher na aldeia de Caieiras é um ser forte de decisão da aldeia, mas se confrontam com as ideias machistas "modernas" onde o homem é o único provedor e a mulher é do lar um ser incapaz de governar seus próprios pensamentos muitos até falam que as mulheres não sabem de nada .

A mulher indígena está colocada neste meio lúdico e perverso que a sociedade inventou, este trabalho não vem colocar a mulher como vítima do meio e nem fazer belas citações retiradas de escritores que muitas vezes vem colocar a mulher como indefesa.

A razão é colocar a força da mulher de Caieiras Velha, seu protagonismo e sua liderança em meio a tantas adversidades enfrentando a sociedade até mesmo como chefe de família.

### **3.2. As mulheres indígenas de Caieiras Velha como guerreiras reais**

Aqui mostramos um pouco da realidade das mulheres tupinikim da aldeia Caieiras Velha, tentando reverter a ausência de dados históricos, assim como constata Arlete Schubert, em seu artigo:

“Nos registros históricos o papel das mulheres indígenas aparece com imprecisão, outras vezes com literalidade.” (SCHUBERT, 2007)

Essas mulheres não produziram nenhuma literatura ou obra sobre a história de seu povo, isso porque antes elas não tinham estudo que lhes dessem suporte e um pensamento cultural de registrar os fatos da comunidade e ainda hoje mesmo tendo muitas mulheres com ensino superior completo, com especialidades ou mestrados ainda não há mulheres escritoras ou que contribuíram para construção de uma obra literária com de relatos da comunidade e de si, algumas até pensam que não possuem relatos relevantes para se construir um documento.

Muitos dos poucos registros que podemos ler ou que se têm notícias são os de outras pessoas não indígenas que fizeram trabalhos relacionados aos tupinikim, mas não voltaram com devolutivas sobre estes.

Constata-se sua força dessas mulheres e a conexão delas com o território, pois mais que terra o território faz parte de seus corpos e dele tiravam seu sustento em épocas passadas na pesca, na mariscada, no plantio das roças, em músicas que fazem parte da vida comunitária que vemos o protagonismo da mulher indígena tupinikim, assim também relata Arlete Schubert.

“Quanto às mulheres Tupinikim, elas estiveram à frente e sempre atuaram em diferentes situações conflituosas e decisivas na luta pelo reconhecimento da identidade e do território indígena Tupinikim, no Espírito Santo” (SCHUBERT,2007)



Imagem X - Presença massiva de mulheres nas assembleias durante o processo de luta pela demarcação das terras tupinikim. Data... (Fonte: ...Livro da Arlete...)

As mulheres tupinikim são seres fortes e líderes em seu território, mas também sofreram e sofrem com o machismo do mundo. Não se sabe quem criou o machismo ou o feminismo, talvez foi o mecanismo de autodefesa dos seres que gerou tal coisa porque hierarquia é diferente disso.

“Assim ocorreu/ocorre com os povos indígenas. Os que resistiram conviveram com o aniquilamento das relações ancestrais, enquanto os homens foram obrigados, a assumir um papel “machista” para a defesa de seu grupo familiar.” de acordo com Potiguara (2018, p. 99)

As protagonistas enfrentaram no passado uma vida diferente de hoje, de pesca, de plantio e muito trabalho duro. Eram as enfermeiras da família e as parteiras, pois o auxílio médico era difícil desde muito tempo.



povo indígena tupinikim, foto de Rogerio Medeiros

Na comunidade indígena de Caieiras Velha podemos citar mulheres guerreiras que construíram a comunidade, algumas delas são Regina que lutou na década de 70 pela demarcação das terras no território de Aracruz Espírito Santo basicamente foi cacique do lugar junto com seu companheiro José Sezenando, alguns relatos mostram que ela faleceu de câncer, mas viu suas terras demarcadas antes de seu desenlace. Dona Andreлина Bento foi parteira e segurou muitas crianças da comunidade e ainda fez parte do grupo de congo onde cantava e dançava, Dona Irene Oliveira ajudante de parteira ajudava as gestantes a dar a luz, dona Edith Pereira marisqueira e participante da banda de congo desde criança com seu pai, algumas mulheres foram e são uma força vital para a auto afirmação da cultura da comunidade além das citadas temos Helena Coutinho, Helena Sezenado, Zulmira, Nair pessoas fortes que não tem e nem tiveram ensino básico, mas sua inteligência e disposição para lutar pelo povo a que pertencem. Outras mulheres também fizeram e fazem a história da comunidade, mulheres que seu nome foi apagado por falta de registro, alguns lembram seus nomes sem fotos nem desenhos sobre aquelas que viveram e em uma comunidade que surgiu através de sua luta junto seu companheiro e parentes .

Observamos em vários relatos que quem ia nas reuniões fora da aldeia eram em maioria os homens e por essa história os homens ficaram mais presentes nos

documentos e histórias oficiais que invisibiliza as mulheres fazendo com que fossem um ser sem relatos, embora também relatam que a presença feminina em reuniões sempre foi tão significativa que as decisões eram feitas em maioria pela voz das guerreiras.

Mas felizmente ainda se encontra algumas fotos e os relatos que encontramos de alguns estudiosos do caso e fotógrafos como Rogério Medeiros .



<https://www.seculodiario.com.br/meio-ambiente/pec-215Imagem> Rogério Medeiros/Dona Helena e Dona Nair

Lembramos que sempre lutaram pelo povo, melhorias para suas famílias e pela cultura, fazendo reuniões e se organizando para ficar ainda mais fortes, assim foi formado um grupo de mulheres com a ajuda de irmã Ângela pertencente a ordem Comboniana da igreja católica, com encontros feitos na igreja católica, a responsável da era Margarida Pêgo onde as mulheres se reúnem para conversar , aprender a costurar, fazer artesanato e inúmeras outras atividades, hoje essa função ficou a cargo do CRAS, com isso fica mais vívido que o protagonismo da mulher indígena tupinikim se estabelece para além do âmbito da casa e cuidados com os filhos. o prédio do CRAS foi construído para o grupo de mulheres ,mas foi cedido para eles por não ter um local adequado para funcionar, isso desde 2016 aproximadamente.



foto de Alessandro Filizzola/ casa das mulheres indigena hoje CRAS



foto de Alessandro Filizzola/Igreja Católica Caieiras Velhas



O protagonismo feminino acontece no ambiente da política interna, na identidade, músicas para o congo e na organização social indígena, um exemplo dessas músicas segue abaixo.



**Oh, Goembê!**

**Goembê, Goembê  
Samburá vamos fazer  
E a taboa, a embirema  
Nossa tanga tecer  
Oh, Goembê! Oh, Goembê  
(2 vezes)**

Estamos em festa,  
Nossa alegria  
É ver o amanhecer.  
Somos guerreiras,  
Lutamos todo dia  
Para sobreviver  
Oh, Goembê! Oh, Goembê!

**Coro (2 vezes)**

Somos guerreiras  
E resistente,  
Estamos aqui.  
Somos guerreiras  
Guerreiras Tupinikim

**Coro (2 vezes)**

Autoras:  
Adriana Vitoriano Barbosa  
Joseni Ramos Alves

---

## **FILHAS DA TERRA**

**Que sabedoria! Dona Helena ensinou:  
Somos FILHAS DA TERRA; A luta não acabou.  
Índias guerreiras, cantamos assim:  
Somos FILHAS DA TERRA, Tupinikim!**

Todas Unidas Para se pintar  
Urucum, jenipapo; nossos traços marcar.  
Índias guerreiras, A alegria é cantar:  
Aqui chegamos, com o maracá!

### **Coro**

Abrem a roda, todas vamos dançar  
Som do tambor e casaca; comemorar!  
Índias guerreiras, nossa terra é aqui  
Vamos plantar a semente, somos Tupinikim!

### **Coro (2 vezes)**

Autoras: Adriana V. Barbosa, Joseni Ramos  
Alvez  
Melodia: Edson V. Barbosa  
Inspiração: Dona Helena, nossa preparação na  
casa dela, a nossa chegada na rua.  
Data: 10/09/2019

A música é uma parte muito importante na cultura Tupinikim, e faz com que o protagonismo dessas mulheres seja marcado na história. No ano de 2017 foi criado um grupo de dança formado somente por mulheres, o **Grupo de Guerreiras**.

Observa-se que quando as mulheres estão bem a vida fica mais gentil para todos da aldeia, já ouviu-se dizer que elas são o coração da aldeia. Hoje o grupo de guerreiras é parte fundamental de representação cultural tupinikim onde todas dançam e cantam caracterizadas com os trajes indígenas. Esses trajes são compostos por artesanatos feitos por artesãos da aldeia uma tanga/ saia de taboa ou embira, bustiê feito também do mesmo material, tiara ou cocar na cabeça de vários modelos, colares e brincos de sementes e penas, ou seja, tem uma infinidade

de enfeites naturais como esta nas fotos abaixo, todas usam um lindo maraca/chocalho.



Foto de Zeni 24 de novembro de 2022, grupo de guerreiras



foto de Raquel 19 de Abril de 2017





foto de Mary arquivo pessoal 2020,Iraja



Site oficial da Prefeitura de Aracruz - Festa do Índio 2017 SEcretaria de Turismo



#### **4. ENTREVISTAS COM TRÊS MULHERES TUPINIKIM DE CAIEIRAS VELHA**

Para mostrarmos essa situação de sobreposição da visão dos homens à história das mulheres, o que influencia diretamente e até hoje nossas aldeias tupinikim, e expormos a realidade subjacente de protagonismo feminino, decidimos por realizar entrevistas com mulheres da localidade e trazer suas sabedorias, conhecimentos e vivências.

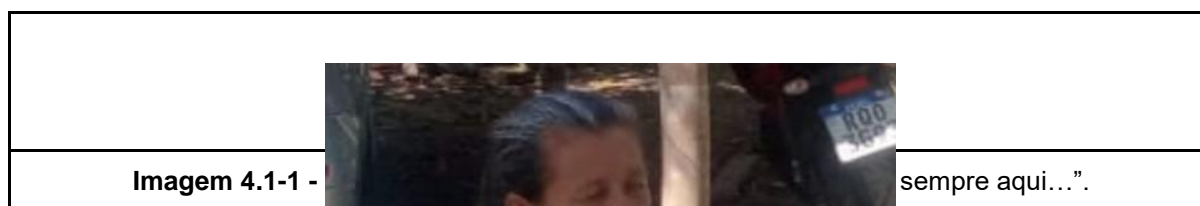
Foram escolhidas três mulheres, de diferentes gerações, para abordar suas histórias pessoais e suas visões sobre as relações e condições sociais locais entre homens e mulheres, mostrando detalhes, mudanças e continuidades ao longo do tempo. Duas das mulheres escolhidas, excepcionalmente, não possuem parentesco em nível primário ou secundário com quem está produzindo este estudo (isto é, não são mães, tias ou primas), porém, este não foi um critério determinante. As histórias de todas elas são de grande notoriedade entre a comunidade e fariam o mesmo peso sendo ou não nossas parentes diretas.

Estas entrevistas foram feitas entre os meses de abril e maio do presente ano, de forma presencial, nas casas ou quintais das entrevistadas, tendo sido agendadas de maneira prévia. Cada entrevista ocorreu em uma única oportunidade e teve, em média, uma hora e meia de duração.

A seguir, faremos uma pequena introdução biográfica de cada uma das mulheres abordadas e as entrevistas serão apresentadas de forma resumida, sendo ressaltadas as principais histórias e argumentos levantados por elas.

A ordem de apresentação delas será de acordo com a data de realização das entrevistas. Maria da Penha Pereira Quiezza é a representante da geração mais antiga; Rodlayne Loureiro, da geração mais nova; e Vilma Benedito Oliveira, da geração intermediária.

#### 4.1. Maria da Penha Pereira Queizza - entrevista em 17/02/2022



Nascida em Caieiras, divorciada, praticamente sempre viveu em casas de famílias na limpeza pública do município (figura feminina tupinikim na prática do congo, artesão tupinikim ).

e até hoje. Atualmente desde a adolescência em (RJ/ES) e no serviço de limpeza pública de São João Pereira, importante demarcações de terra e tamboeiro do congo e

Na entrevista, Maria da Penha começou relatando as dificuldades de sua vida, desde a infância, “época em que se usava lamparina” e que o sustento vinha da extração de marisco e da caça do caranguejo, passando pelos trabalhos desgastantes (como empregada e no serviço de limpeza urbana) na fase adulta, a criação dos filhos<sup>6</sup>, a falta de reconhecimento de direitos e a sua doença (câncer de útero). Relatou que a situação atual é melhor, principalmente depois da conquista da aposentadoria, do tratamento do câncer (apesar de outras complicações atuais com tireoide e osteoporose) e do início da construção de sua casa própria. Relatou que atualmente a aquisição de bens materiais tem mais facilidades, porque as distâncias estão menores pelos transportes, existe saneamento, luz etc.

Maria da Penha ressaltou que a luta das mulheres em casa é essencial, na educação dos filhos, na busca pelo sustento, no acompanhamento da saúde etc., principalmente no seu exemplo, pois foi chefe da família sozinha em boa parte de sua vida e ainda ajudando a sua mãe e seu pai. Afirmou que, mesmo com todas as adversidades, deixou legado entre seus filhos, de respeito às suas esposas e demais mulheres. Este mesmo respeito, considera que é algo que se mantém desde

<sup>6</sup> Contou ainda que os seus cinco filhos nasceram de parto natural, com Dona Irene e Dona Adrelina, importantes parteiras da comunidade.

tempos mais antigos, mostrando que nas relações entre homens e mulheres, no ambiente doméstico, nos casamentos, deve ser igualitária, onde os argumentos devem ser sempre combinados: “nem a mulher sobe na autoridade do homem, nem o homem desfaz o que a mulher disser. O que a mulher disser, está pronto”.

Comentou que, mais ainda, a participação e a união das mulheres da comunidade são muito importantes, nas lutas antigas e atuais pela terra, nas manifestações em outros lugares do país e na luta pelos direitos femininos - mas que ela não conseguiu participar muito por seus problemas de saúde.

Maria da Penha trouxe relevantes informações sobre a sua mãe, Edith Maria da Conceição Pereira (com 79 anos, nascida em Braço Morto<sup>7</sup>), relatando que ela trabalhava muito na terra, plantando e colhendo diversos gêneros, criando porco e galinha e retirando o mariscos, para o consumo; fazendo farinha, esteira de taboa, catando e desfiando caranguejo e siri, para vender; além de lavar e passar roupa para famílias em Coqueiral. E mesmo com todo esforço nesses trabalhos, mencionou que ela foi muito presente nas lutas, tendo enfrentado com garra a repressão policial na época da demarcação: “Minha mãe é uma guerreira”. Mencionou que ela tinha mais força que seu pai: “era muito mais chefe do que ele”. No mesmo exemplo, citou a sua tia, Dona Helena Coutinho (matriarca da aldeia com 80 anos), que foi e ainda é presente em todas as lutas e manifestações possíveis e está à frente de muitas atividades culturais da comunidade [matriarca do congo tupinikim]: “Se a minha tia, Helena faltar, tem que deixar algo, se não a cultura vai acabar”. Citou ainda mulheres com o mesmo perfil: Dona Nair, Maria Edilza (conhecida como Maria Tupinikim), Dona Zulmira (Zuzu), Dona Santa, Regina, Hilda Quiezza (Dona Moça).

Maria da Penha mencionou que a relação de seus pais foi bastante atribulada, tendo ocorrido a separação. Relembrou, de forma emocionada, a história de sua avó, Santunina (que foi uma importante rezadeira, benzedeira e parteira da comunidade), que ela considerava como sua segunda mãe e que foi um exemplo da

---

<sup>7</sup> Localidade que deixou de existir a partir da década de 1980 (nas proximidades da localidade de Guaxindiba, Aracruz/ES), quando chegou Aracruz Celulose empresas de plantio de eucalipto e produção de celulose na região e várias empreiteiras. Depois das lutas de demarcação, o povo tupinikim de diversas localidades como essa, Braço Morto, veio a se concentrar na localidade de Caieiras Velha e reconfigurá-la como aldeia.



relação tradicional entre homens e mulheres: “Ali era tudo combinado. Eu nunca vi eles baterem boca”.

A entrevistada afirma que a opinião das mulheres sempre teve peso decisivo nas lutas e em outras decisões da comunidade. Sem a participação das mulheres as ideias não se desenvolvem e as mulheres sempre foram mais decididas: “Se uma falar ‘Vamos!’, logo estão todas reunidas”<sup>8</sup>. Argumenta que sem as mulheres a organização não acontece, porque nas reuniões comunitárias as mulheres é que decidem aceitando ou não certas ideias: “perguntadas se é para ser ou não tal coisa, quem levanta são as mulheres, mesmo que os homens sejam maioria”. Apenas lamentou que atualmente as mulheres estão mais desunidas, mesmo que exista o esforço de algumas mulheres mais jovens para refazer essa trajetória.

No entanto, Maria da Penha argumentou que essa mesma força interna de participação e decisão não se expressa para fora, primeiramente pelo receio, mas porque essa acaba sendo uma função atribuída e assumida pelos homens. Ela disse que os homens geralmente querem falar mais e as mulheres não, mas se falarem o que não foi decidido e o que não for verdade, vai ser chamada a atenção pelas mulheres.

Por fim, ela rememorou que as mulheres, para além das decisões comunitárias, se reuniam e participavam da organização de atividades de lazer, nas festas de congo, nas festas de índio, festa de reis, fogueira, São João etc.

Maria da Penha, mesmo com todas as adversidades é chefe de seu lar, com atribuições que vão além daquelas que dizem ser femininas.

#### **4.2. Entrevista com Vilma Benedito de Oliveira entrevista 17/04/2022**

---

<sup>8</sup> Essa forma de expressar a decisão feminina está geralmente associada à voz de uma mulher anciã - hoje, ocupada pela Dona Helena Coutinho. Os caciques se posicionam na organização, porém, tem de contar com o aval da anciã e do coletivo das mulheres.



**Imagem 4.3** - Realização da entrevista no quintal de Vilma Benedito Oliveira, no dia 17 de abril de 2022. “ As mulheres tem que se unir mais”

Vilma Benedito de Oliveira é nascida e criada na aldeia de Caieiras Velha, tem 49 anos de idade e tem três filhos e três netos. Ela é filha de Vantuil Matias de Oliveira e Irene Benedito de Oliveira. Fez graduação em enfermagem na Universidade de Brasília (UnB) e trabalha na unidade de saúde de Caieiras Velha como coordenadora de equipe de Caieiras. Vilma pertence à etnia Tupinikim.

Participou de várias lutas na comunidade como na aldeia Olho D'Água, onde aconteceu um confronto com a polícia e algumas pessoas ficaram feridas. Neste acontecimento, dois irmãos dela foram atingidos por balas de borracha. Na Aracruz Celulose ela esteve junto do povo que estava no movimento e participou do movimento no fórum de Aracruz pedindo justiça pela morte de uma indígena.

Em seu relato, ela coloca a importância das mulheres na comunidade. Ela esteve presente em algumas lutas da comunidade e fala que as mulheres são parte importante para que os movimentos sejam legitimados, pois estas incentivam a família participar dos movimentos e ainda declara:

“Estamos nas reuniões da comunidade, precisamos discutir os assuntos internos, só as mulheres falam muitas vezes nas reuniões, a voz das mulheres é esperada quando elas não se pronunciam logo alguém fala que está faltando a nossa fala.” (Vilma Benedito de Oliveira 2022)

Vilma disse que está afirmado que a cultura indígena como movimento milenar é muito importante e a cultura é sempre repassada pelas mulheres para sua família. Sabendo que sempre somos discriminados, temos que sempre ser melhores e mostrar nossa superioridade, embora todos somos seres humanos iguais. Mas ela lembra que infelizmente a sociedade nos julga pelo lugar que moramos e até pelo modo que falamos, e essa violência é algo normal na sociedade brasileira, pois é um legado que vem de fora.

Vilma também colocou que as mulheres ocupam pouco lugar de destaque na liderança pública da comunidade, mas que tem efetiva participação das reuniões e na tomada de decisões políticas internas. Ela não se sabe porque elas não querem ser caciques, mas observa que muitas estão constantemente na liderança de ações organizativas dentro das comunidades. Ela pensa que as mulheres de uma maneira geral não querem assumir cargos de liderança porque isso consome muito tempo e o trabalho da mulher é tão importante que vai além disso. As mulheres indígenas têm muito trabalho na aldeia e ainda trabalham fora. Muitas vezes trabalham o dia todo, cuidam da administração da casa, dos filhos e, mesmo assim, a voz delas tem lugar de destaque na comunidade pois a mulher tem um olhar sensível na hora resolver situações. Ela afirma que as mulheres das comunidades são guerreiras e protagonistas da história da comunidade, mas vivemos em uma sociedade machista onde os homens ainda não precisam de muito esforço para serem ouvidos e com isso as mulheres estão ocupando poucos espaços, em Caieiras o protagonismo feminino é muito importante na comunidade tem muita mulher que dentro do seu lar mostra com bastante representatividade seu protagonismo .

Vilma tem referências femininas em sua família de muita importância que a ajudou a ser forte, como sua avó dona Jandira Coutinho Pereira e sua mãe Irene Coutinho Pereira, mulheres de representatividade em sua vida; Ela lembrou do caminho que

fazia com sua avó para o Coqueiral, pois tinha medo de ir sozinha, então ia com dona Jandira. Era criança e achava o caminho longo e cansativo - ela explicou, porque iam para o Coqueiral, com muita saudade. Quando criança, ela via a dificuldade que sua avó passava para criar os filhos, pois seu avô de nome Andrônico Pereira era pescador, mas ele trazia pouco dinheiro para casa porque gastava tudo com bebida. Então era a avó que era o braço forte da família, pois lavava e passava roupa no Coqueiral para as famílias brancas; também mariscava; e fazia artesanatos, como esteiras e peneiras, para vender e assim era a renda da casa para uma família com muitos filhos.

Ela relata que a mulher tupinikim é muito forte. Não parece, a olhos pouco atentos, mas são fortes e na família sabem, mesmo de longe, administrar o ambiente familiar. Na casa dela as decisões sempre são tomadas com a permissão dela até mesmo para “cocha” um menino no caso colocar de castigo, mas ela ressalta com muita importância que:

“As mulheres estão um pouco pra trás, pois se existe um corpo de lideranças e as mulheres não estão inseridas neste meio onde são tomadas as decisões, onde estão reunidos somente um grupo de homens organizados entre eles em cargos de liderança, elas não terão voz se não se organizarem para enfrentar, as mulheres tem que se organizar mais nós precisamos disso.” (Vilma Benedito de Oliveira, 2022).

Vilma lembrou que já havia falado no grupo de guerreiras que é necessário essa organização das mulheres, para que tenham mais força e colocar nos cargos de chefia da comunidade o protagonismo feminino, ultrapassando o papel apenas de dar opinião nas reuniões de comunidade. Ela sente falta de projetos voltados para mulheres, pois se a sociedade melhora para mulheres consequentemente também melhora para famílias dessas.

Vila afirma que nunca abaixou a cabeça para o machismo pois todos temos direito e fora da comunidade já foi discriminada por ser indígena e não deixou seu direito de fala ela aprendeu isso com as mulheres da família dela. Mostrou que a comunidade depende do protagonismo feminino para se erguer, pois sempre que há reuniões, a

maioria é de mulheres. Ela diz que os homens não encaram uma luta sozinho tem que ter ao lado elas que a todo momento dão suporte, luta é de todos sempre sem separar homens e mulheres.

“As mulheres têm que se unir mais para se organizar, pois a melhoria da comunidade tem base no protagonismo feminino, precisamos conversar, conversar sobre tudo pra evoluir.” (Vilma Benedito de Oliveira 2022)

#### 4.3. Rodlayne Loureiro dos Santos - entrevista em 10/05/2022



**Imagem 4.2** - Rodlayne Loureiro dos Santos (25). “Eu sou pra frente...”

Moradora de Caieiras Velha, Rodlayne Loureiro nasceu em 07/01/1997. Começou a entrevista contando que nasceu no Hospital São Camilo, no município de Aracruz-ES, pois na comunidade de sua família não havia parteira. Atualmente, é divorciada e, praticamente, mãe-solo de 1 filha. Bisneta de Alexandre Sezenando (José

Cacique) e Otália, por parte de mãe; neta de Maria Tupinikim e bisneta de “Bino fumaça” e Dona Santa, por parte de pai - sendo, essas pessoas, lideranças importantes para lutas do povo tupinikim. Estudou nas escolas de fundamental I da comunidade, cursando o ensino médio na escola Coqueiral de Aracruz. Trabalhou desde a adolescência como manicure e, posteriormente, em salões de beleza, onde conheceu a dona de uma empresa que possibilitou sua entrada no mercado de trabalho de carteira assinada.

Na sequência, Rodlayne falou sobre a sua trajetória de lutas na comunidade, pois, para ela, as mulheres já nascem com o *dom da luta* e, quando observa os seus antepassados e as pessoas que lutam pelos direitos indígenas, consegue ver as mulheres como protagonistas, lutando junto com seus esposos, filhos, irmãos, dentre outros; ou, quando não estavam na luta diretamente, elas motivavam para que os homens não desistissem de lutar.

Afirmou que as lutas das mulheres que vieram antes dela fizeram com que ela tivesse prazer e vontade de lutar também, porque, apesar das dificuldades que tiveram, nunca recuaram, nem deixaram de incentivar as novas gerações. Estas atitudes, observadas por Rodlayne, fizeram com que, aos 13 anos, ela iniciasse sua trajetória de mulher guerreira tupinikim, participando de lutas e reuniões da comunidade, dando sua contribuição sobre os assuntos de relevância, ainda muito nova.

A entrevistada disse que sempre ouvia os conselhos do avô Alexandre Sezenando, quando ele dizia para nunca desistir de lutar por seu povo. Ela era muito criança e lembra de momentos que ia para a casa do avô comer frutas retiradas da roça dele e ouvi-lo contar sobre as histórias de lutas que enfrentaram e sobre que os tupinikim permaneciam ali sempre resistentes a tantas dificuldade que, lá atrás na história, enfrentaram para construir o que temos hoje em nosso território.

Em todo seu relato, ela coloca em foco o protagonismo das mulheres em família e comunidade, mas colocou que, hoje, a luta da mulher indígena está sendo invisibilizada por causa do machismo que se vê muito na aldeia. Ela mesmo era liderança da comunidade e hoje não é mais. Contou que foi destituída do cargo por mensagem de “uma voz de homem falou que ela tinha que deixar o cargo” e, assim,

ficou sabendo que não era mais liderança. Hoje ela trabalha na comissão de caciques, mas já pensou em desistir, ficar quieta, só voltada para a família. Porém, afirma, que seu chamado de luta é muito forte e não consegue não se envolver.

Rodlayne mencionou também que as mulheres na comunidade têm importância de fala, mas apenas precisam se unir mais atualmente. Ela observa um clima de competição instalado entre as mulheres e isso como efeito do machismo também. Esse clima deixa as coisas difíceis muitas vezes, enfraquece as lutas e, assim, os homens ficam mais fortes.

Ela afirmou que tudo que a comunidade conseguiu em lutas, muito tem que agradecer às mulheres. Não só as mulheres de agora, mas as que vieram antes dela, pois o papel das mulheres na comunidade é sempre foi de chefia, pois sem as mulheres os homens não se mobilizam para a luta e nem tomam as decisões. Ela contou que, hoje, os homens estão tomando a fala das mulheres, como se fosse somente decisão deles e as mulheres têm que ser fortes e se posicionarem diante da própria fala.

Rodlayne sustentou que sempre temos que nos espelhar nas mulheres mais velhas, citando a força de Dona Nair, Dona Edith, Dona Preta, finada Regina Conceição dos Santos (que, ao lado de José Sezenando, ajudou muito na luta pela terra), Dona Irene (que, junto com outras mulheres, ajudava as parteiras) e sua própria avó, Maria Tupinikim. Ela mencionou que quer que sua filha seja forte e, por isso, ela hoje está levando a filha às reuniões e encontros, para ela aprender que depende de todos o futuro da comunidade.

## 5. CONCLUSÃO

Como observamos, as mulheres de Caieiras Velha mostram-se fortes e guerreiras, enfrentando os trabalhos em casa, na roça, em casa de família como domésticas, em decisões da comunidade e em festas também essas personagens tiveram e tem influência primordial para o sucesso histórico do povo, fazendo ressaltar que a comunidade de Caieiras Velhas contem mulheres filhas da terra, remanescentes e também aquelas que vieram fazer parte do grupo através de casamento de indígena com mulher não indígena, mas estas abraçaram as virtudes e ideais do povo de etnia aqui colocado.

Essas protagonistas sempre falam de seu trabalho, no mangue do rio Piraqueaçu pescando e mariscando. No bairro Coqueiral trabalhavam em casas de família como “domésticas”, Gilsa H. Barcelos 2018 p.24, também relata este trajeto este que as mulheres da aldeia faziam a pé pois antes não tinham dinheiro para andar de ônibus ou guardavam o dinheiro que a patroa dava pra passagem para comprar pão para levar para os filhos e filhas que as esperavam em casa, era uma vida muito difícil cheia de problemas e desafios tudo era longe os homens eram pescadores e muitos tinham o vício do álcool e gastavam o dinheiro com bebida no caso cachaça, pois naquela época nem tinha cerveja, até algumas mulheres se apegavam a bebida às vezes para festejar outras não.

“Eu ia trabalha no Coqueiral com minhas irmãs, limpava casa e dava faxina, mas tinha mulher que ficava vigiando nós pra não “roba elas”, era muita humilhação.” (Joselina Ramos “Fiota”, mulher indígena moradora da aldeia Caieiras Velhas, 2018)

Essas guerreiras enfrentaram essa vida por causa dos filhos e até mesmo das outras pessoas que estavam em casa, não tiveram muito estudo pois o estudo era só aprender escrever o nome. Sempre com esperança em um futuro melhor para todos, as protagonistas participaram ativamente dos movimentos da comunidade e incentivaram os filhos a estudar.

“Eu trabalhava praquelas madame do Coqueiral, mandava minhas filhas pra escola, eu sempre falei com elas pra estudar pra ser alguém na vida, hoje são professoras, eu não queria que elas tivessem a vida que eu tive. Fala de Eva Rodrigues, moradora da aldeia e casada com indígena, 2000.”





Maria Tupinikim Vulgo MARIA FUMAÇA acervo particular

Em conversa com uma anciã da comunidade de Caieiras Velha Edith Maria da Conceição Pereira, conhecida como dona Edith, ela contou das dificuldades no mato para buscar lenha.

“Naquela época, eu era nova ainda fui buscar lenha no mato pois não tinha fogão a gás, foi eu e Bastião Boneco ai apareceu um guarda e mandou largar o feixe de lenha no mato Bastião foi com o jericó e já tava cheio de lenha, nesta hora eu falei que ia levar minha lenha pois estava precisando, Bastião já ia descarregar o carro, mandei ele parar porque ninguém ia fazer ela deixar a lenha no mato, falei apontando o dedo na cara do guarda, falei com Bastião pra seguir viagem pois se o homem quisesse ai bater numa mulher que estava buscando lenha pra fazer comida pro filho, o homem ficou olhando nos dois embora, peguei meu caminho e fui pra casa.” (Edith Maria da Conceição Pereira 2022)

Edith é filha de Manoel Francisco Rocha um grande vulto na comunidade pois ele foi um capitão do Congo, cultura central do povo Tupinikim, Edith era ativa no grupo de Congo participou ativamente das danças e apresentações desde nove anos de idade ou menos porque não lembro direito, ela disse que isso está entranhado no sangue dela e é isso que dá força ao povo indígena, ela tinha suas amigas do Congo que eram Zulmira, Dona Andreilina, Dona Helena e dona Nair.



Zulmira Ana da Conceição, foto de Tamires, acervo particular

Em todo movimento o grupo de congo está para dar apoio, este é composto por tamboeiros que são os tocadores de tambor, casaqueiros os que tocam o reco reco de nome casaca, os cantores, dançarinos e mestre do congo dando ritmo aos músicos. Por este motivo as mulheres sempre estão fazendo parte do grupo, pois são parte fundamental nos momentos de canto, danças e incentivo para os demais participantes destes momentos. Hoje temos Dona Helena Coutinho que também puxa o congo, ela é muito importante nos movimentos pois leva um grupo de congo.



Foto de Luiz Felipe Pego

Muitas mulheres tupinikim de Caieiras Velha trabalharam fora da aldeia, como já foi dito. Nos finais de semana faziam roça, mariscavam e pescavam, sozinhas ou junto de mutirões (que era uma prática muito comum do povo). A maioria carregava os filhos nestas práticas, porque não existia escola e, até muito recentemente, não havia escola para os menores de 6 anos. Hoje existe o CEMEI “Caieiras Velha”, que atende crianças dos 6 meses aos 5 anos de idade, e a EMEFI “Caieiras Velha”, que é uma escola de Ensino Fundamental I e II referente às séries de 1º ano ao 9º ano. Nestas escolas trabalham profissionais da própria comunidade - em sua maioria, mulheres, professoras e coordenadoras, e, muitas delas, com pós-graduação na área.



foto de Rogerio medeiros, Mulheres e família indo pescar 1969

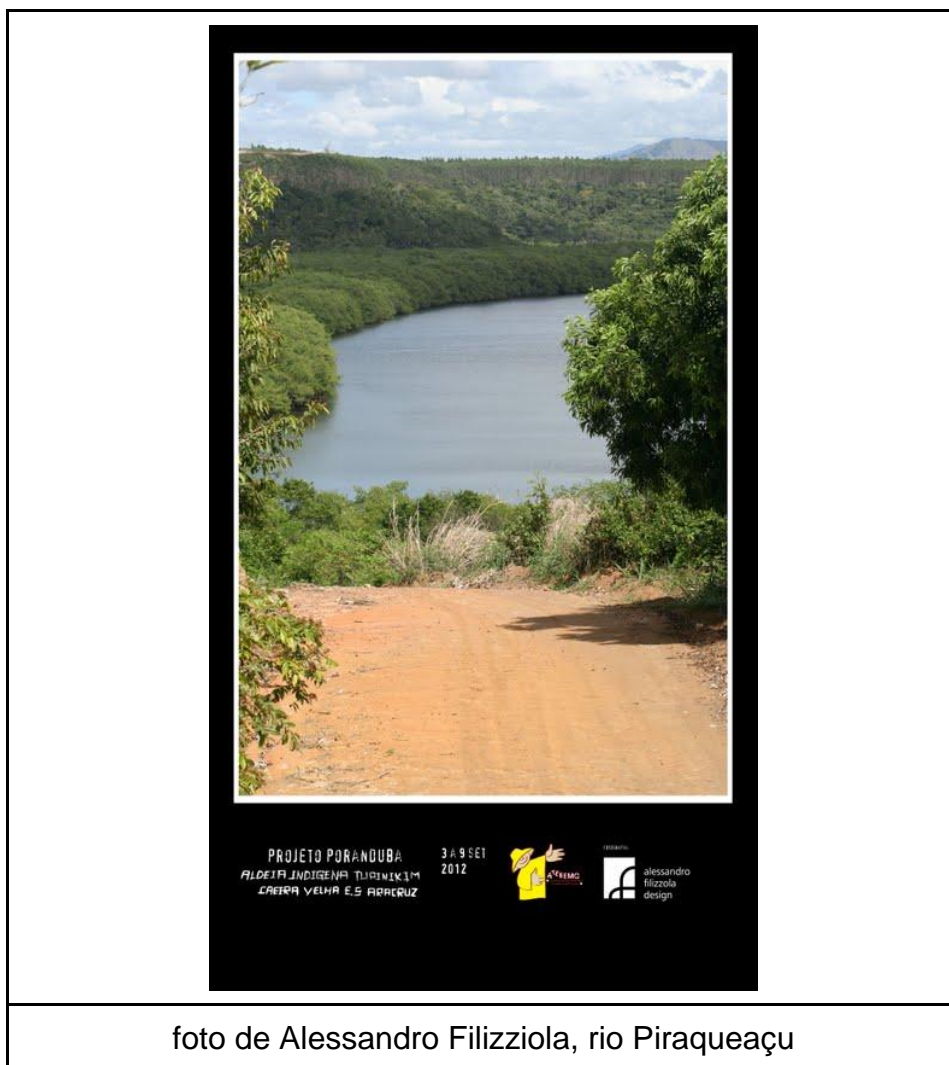


foto de Alessandro Filizziola, rio Piraqueaçu

Atualmente na comunidade de Caieiras Velha temos mulheres formadas em muitas áreas de conhecimento, como enfermeiras, médicas, pedagogas etc., candidatas a vereadoras, candidatas à presidência da AITG (Associação Indígena Tupinikim e Guarani) e que atuam em outras várias atividades importantes na comunidade. Nas escolas, as professoras sempre ressaltam a importância feminina em Caieiras Velha, mostrando histórias e relatos da comunidade, onde os feitos das mulheres são parte decisiva nas lutas.



Foto de Santinho de campanha Eleitoral de Maria Tupinikim, PRB 10, 2016

Como todas as demais mulheres dentro e fora do Brasil, o empoderamento das mulheres indígenas enfrenta ainda no século XXI muitas adversidades. Mas elas não se deixam abater ou intimidar por falas, gestos e preconceituosos discriminatórios, que tem como objetivo minimizar suas lutas. As mulheres indígenas enfrentam as dificuldades com a cabeça erguida e conhecimento de toda a trajetórias e legado das anciãs que destinaram a elas a continuidade da força de sua ancestralidade de povo originário.

Enfim, este trabalho apresentou um pouco do protagonismo dessas mulheres guerreiras de Caieiras Velha, que sempre mostraram sua força e vitalidade, pois sua história tem muitas páginas além destas que aqui escrevemos, a partir da observação e análise dos relatos das entrevistadas.

Observamos que o protagonismo das mulheres cresce cada vez mais, não apenas entre as mulheres indígenas, embora sofram muitos percalços. Mas suas histórias

reais e fantásticas continuam acontecendo e o que vai ficando no passado precisa de empenho para ser resgatado. Portanto, este é apenas um pequeno trabalho para mostrar que as mulheres precisam ter suas memórias documentadas e seus protagonismos mostrados, para que, junto com elas, a comunidade também tenha registros dos acontecimentos, importantes para a trajetória e a identidade de todo o povo.



## 6. Referencias

Barcellos ,Gilsa Helena: MULHERES E EUCALIPTO Histórias de vida e resistência,p.18 e 24, 2018.

POTIGUARA, Eliane. Metade cara metade máscara. Edições Grumin, Rio de Janeiro, 2018.

Schubert, Arlete M. Pinheiro. Movimento Indígena e Questões Ambientais, 2007

Mugrabi, Edivanda( org): Os tupinikim e Guarani Contam..., 1999 p.74

Violência machista contra mulheres indígenas — a lei Maria da Penha é suficiente?, Elas por Elas: Secretaria Nacional de Mulheres no PT. <https://pt.org.br/violencia-machista-contra-mulheres-indigenas-a-lei-maria-da-penha-e-suficiente/>

Lei 11.340/2006, Maria da Penha e normas correlatas. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019, p.18.

Título II Dos Direitos e Garantias Fundamentais: Capítulo I \_ Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos. Constituição da Republica Federativa do Brasil 1988, p. 8.

Czechowsk, Jéssica. Resistências: Representações das Mulheres Indígenas na America Latina Colonial.

Amaral, Isabela Guimarães Rabelo do. Inferiorizando Mulheres no Período Imperial Brasileiro: A influência do direito, São Paulo, julho 2011. [https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300298141\\_ARQUIVO\\_Artigo paraANPUH-IsabelaGuimaraes.pdf](https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300298141_ARQUIVO_Artigo%20paraANPUH-IsabelaGuimaraes.pdf)

NT, **Bíblia Sagrada**. Edição de promessas, tradução João ferreira de Almeida: provérbios 14, versículo 1 p.871

Duarte, Danielly Coletti. Protagonismo de mulheres indígenas no espaço de poder: Resistência e superação. <file:///C:/Users/kcris/Downloads/eduufgd,+2.Collety+OK+20-44+EM+FALTA.pdf>

SANTANA, Suzeli. **Pelas mulheres indígenas: um panorama das trajetórias femininas indígenas**. 2019. Disponível: <http://www.thydewa.org/wp-content/uploads/2015/03/pelas-mulheres-indigenas-web.pdf>. Acesso em 14/04/2022.

TUPINAMBÁ, Renata. Denilson Baniwa entrevista Renata Tupinambá. Canal seLecTV. Disponível: [https://www.youtube.com/watch?v=8\\_rwvc-Edzw&t=941s](https://www.youtube.com/watch?v=8_rwvc-Edzw&t=941s). Acesso em 17/04/2022.

Edivana (Org.). Os Tupinikim e Guarani contam... Vitória, 2ª edição, 2005

[Lenda da Iara - Artes Enem | Educa Mais Brasil](#) acesso em 05/06/22 22:23

[Mula sem cabeça – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#) acesso 05/06/22 21:07

SANTANA, Suzeli. **Pelas mulheres indígenas: um panorama das trajetórias femininas indígenas.** 2019. Disponível: <http://www.thydewa.org/wp-content/uploads/2015/03/pelas-mulheres-indigenas-web.pdf>. Acesso em 14/04/2022.

TUPINAMBÁ, Renata. Denilson Baniwa entrevista Renata Tupinambá. Canal seLecTV. Disponível: [https://www.youtube.com/watch?v=8\\_rwvc-Edzw&t=941s](https://www.youtube.com/watch?v=8_rwvc-Edzw&t=941s). Acesso em 17/04/2022.

Edivana (Org.). Os Tupinikim e Guarani contam... Vitória, 2ª edição, 2005

[Lenda da Iara - Artes Enem | Educa Mais Brasil](#) acesso em 05/06/22 22:23

[Mula sem cabeça – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#) acesso 05/06/22 21:07

SANTANA, Suzeli. **Pelas mulheres indígenas: um panorama das trajetórias femininas indígenas.** 2019. Disponível: <http://www.thydewa.org/wp-content/uploads/2015/03/pelas-mulheres-indigenas-web.pdf>. Acesso em 14/04/2022.

TUPINAMBÁ, Renata. Denilson Baniwa entrevista Renata Tupinambá. Canal seLecTV. Disponível: [https://www.youtube.com/watch?v=8\\_rwvc-Edzw&t=941s](https://www.youtube.com/watch?v=8_rwvc-Edzw&t=941s). Acesso em 17/04/2022.

Edivana (Org.). Os Tupinikim e Guarani contam... Vitória, 2ª edição, 2005



[Lenda da Iara - Artes Enem | Educa Mais Brasil](#) acesso em 05/06/22 22:23

[Mula sem cabeça – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#) acesso 05/06/22 21:07

Revista\_APEES\_numero\_7\_ (1)REVISTA[645].pdf

Ramos, Joselina “Fiota”: depoimento informal 2018.

Cardoso, Eva Rodrigues: depoimento informal 2000.

Maria da Penha Pereira Queizza - entrevista em 17/02/2022

Entrevista com Vilma Benedito de Oliveira entrevista 17/04/2022

Rodlayne Loureiro dos Santos - entrevista em 10/05/2022

Pereira, Edith Maria da Conceição: Depoimento informal 2022



Dona Edith foto do acervo particular de Alessandra Rodrigues Cardoso 2020



Foto particular de Rogério Medeiros, Dona Andreina, anos 70



foto do acervo particular de Jocelino da Silveira, Regina em 1970

